

Revista Formadores

Vivências e Estudos

MOSAICO - CAPOEIRUÇU

Volume 9 Número 6 Dezembro 2016

ISSN: 2177-7780 • ONLINE ISSN: 1806-5457 • IMPRESSA

Ricardo Costa Caggy
ricardo.costa@adventista.edu.br

Graduado em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFES (2002), Doutorado em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2014-), Mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2011), Mestre em Gestão, Planejamento e Estratégia Empresarial pela Universidade Autônoma de Lisboa (2006) e Especialista em Docência do ensino superior pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste - FAENE (2006). Atualmente é professor da Faculdade Adventista da Bahia - FADBA e coordenador da Área de Ciências Sociais Aplicadas (Área 6). Tem experiência nacional e internacional na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: Estratégia, Empreendedorismo, Inovação, Marketing, Gestão do Conhecimento, Aprendizagem Organizacional, Ensino da Administração e Desenvolvimento Local. Autor de livros infantis para disseminação da cultura empreendedora e das ferramentas de administração.

Orlando Souza do Lago
orlando.lago@gmail.com

Possui graduação em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado da Bahia (1998), com especialização nas áreas de Metodologia do Ensino Superior, Marketing e Propaganda e Saúde Coletiva, mestrando em administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é Sanitarista da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia e professor universitário das Faculdades Adventista da Bahia. Tem experiência na administração pública e privada atuando principalmente nas seguintes áreas: educação superior, educação à distância, gestão de pequenas empresas, marketing, empreendedorismo, plano de negócio, projetos interdisciplinares, gestão em saúde pública, vigilância epidemiológica, análise de situação de saúde.

Tiago Araújo dos Santos
tiagoaraujotg21@gmail.com

Graduado em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), discente do curso de Ciências Contábeis pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA) e pós graduando em Gestão Financeira e Auditoria pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Atualmente é pesquisador do Núcleo de Estudos do Recôncavo em Administração e Negócios (NERAN).

Douglas Clemente
douglas.professionalcoach@hotmail.com

Graduando em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), Profissional Coach pela iCrescer Brasil Tecnologia, Educação e Coaching, tem curso na área de gestão empresarial pela News Center e atualmente é pesquisador do Núcleo de empreendedorismo e inovação (NEI).

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18
– Capoeiruçu – CEP: 44300-000 –
Cachoeira, BA

Mosaico - Capoeiruçu: Dezembro 2016
Caderno Especial

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

ENSAIO

A proposta deste ensaio é iniciar um debate sobre os rumos da educação empreendedora, ou do ensino de empreendedorismo no Brasil. Não se pretende aqui varrer toda a literatura e cravar uma última palavra acerca do tema, mas promover através do veículo científico que é a revista Formadores uma discussão sobre a temática.

Este interesse pela temática, justifica-se em primeiro lugar, pelos mais de dez anos de atuação dos professores Ricardo Costa Caggy e Orlando Lago, em diferentes instituições de ensino superior da Bahia e pela adesão dos estudantes Tiago Araújo e Douglas Clementes a um projeto diferenciado e embrionário para o ensino de empreendedorismo que será apresentado a seguir. Em segundo lugar, diante das pesquisas realizadas nos últimos anos no que se refere ao Desenvolvimento Regional Sustentável, no âmbito do Núcleo de Estudos do Recôncavo (NERAN) identificamos a necessidade de promover a cultura empreendedora na região, por acreditarmos que através do empreendedorismo é possível diminuir as diferenças socioeconômicas vivenciadas neste território.

É evidente que ao afirmarmos a importância do empreendedorismo, não estamos subalternizando outras possibilidades de desenvolvimento local, mas destacamos que em um cenário complexo é necessário pensar múltiplas alternativas para desenvolver um determinado local.

Inicialmente ao prepararmos este ensaio nos questionamos: é possível ensinar empreendedorismo? Antes de responder a esta pergunta surgiu um novo questionamento: que tipo de ensino temos no Brasil e por que é importante inserir o empreendedorismo?

Para responder a tais questionamento precisamos traçar uma linha do tempo da educação no país, que primeiramente é datada de 1549 com a chegada dos Jesuítas no Brasil colônia,

com a função de catequização dos índios e de fornecer a educação básica aos filhos dos colonos, durante quase trezentos anos este foi o único modelo de educação existente no país, só após o ano de 1810, com a assinatura do tratado de livre comércio entre Portugal e Inglaterra e a fixação dos primeiros ingleses em solo brasileiro, que começam a surgir as escolas com base nas religiões protestantes. Neste mesmo período com a chegada da família real Portuguesa é que se inicia uma preocupação maior com a educação no Brasil, tendo em vista a necessidade de atender a toda a corte de Portugal que estaria agora instalada no país.

Somente com a chegada da república e a constituição de 1891 que o ensino no Brasil começa a se organizar com o distanciamento da corte e da confessionalidade, o que gerou uma identidade no ensino brasileiro sendo ele elitista e profissionalizante, voltado para a solução dos problemas locais e das questões de ordem prática. Somente com a reestruturação do ensino superior na década de 1960 que o país começa a expandir seus indicadores de matriculados, percebendo-se uma rápida expansão nas décadas seguintes e chegando ao processo de democratização do ensino superior que foi vivenciado nos anos finais da década de 1990 e o início dos anos 2000.

Contudo, as marcas do descaso da educação são perceptíveis e o processo de expansão da oferta não foi acompanhado pelo aumento da qualidade, desta maneira o que se criou no país foi um ensino que mantém o elitismo disfarçado pela expansão, no momento em que os estudantes mais bem preparados (na sua maioria oriundos das classes mais abastardas) ocupam as vagas das melhores instituições, enquanto que os estudantes menos preparados para ocupam as vagas das piores instituições.

A LDBEN (1996) caracteriza o ensino superior como sendo o responsável pelo desenvolvimento cultural e estímulo do conhecimento científico e pensamento reflexivo, além de atender às necessidades de desenvolvimento da pesquisa e inovação tecnológica. No entanto, o que se percebe é um modelo de reprodução de conhecimento, sem a participação ativa dos educandos, preparando-os na maioria das vezes os egressos apenas para atuação no mercado do trabalho. Ou seja, as instituições que seriam responsáveis por preparar os futuros cidadãos para a sociedade, funcionam como centro de capacitação para as empresas. A visão crítica, a reflexividade, o desenvolvimento do educando torna-se cada vez mais difícil em um modelo de educação bancária (FREIRE, 2005), em que “o sonho do oprimido é se tornar opressor” (FREIRE, 2006).

Diante de tal cenário, respondemos a nosso questionamento inicial, precisamos inserir o empreendedorismo como mecanismo de inovação e principalmente de ruptura com os modelos existentes no país. Uma pedagogia que permita ao estudante o desenvolvimento de suas capacidades e uma orientação para o empreender. Não apenas o empreender do ponto de vista dos negócios, mas o empreender no sentido mais amplo da palavra, de empreender na vida, como uma verdadeira prática da liberdade, adotando aqui a expressão freiriana.

A palavra “Empreender” tem origem francesa e significa colocar na prática, ou submeter a experiência, ou ainda a capacidade de assumir riscos, e tem sido utilizada no mundo dos negócios para especificar as capacidades do empreendedor, tais como a persistência, a capacidade de estabelecer objetivos, a iniciativa e a criatividade. O ensino do empreendedorismo inicia no Brasil nos anos de 1980 com a introdução do assunto nos programas da Fundação Getúlio Vargas, mas ganha grandes proporções a partir dos anos 2000 figurando pelo menos como disciplina em boa parte das instituições de ensino superior no Brasil (MUYDLER; DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Para Souza e Saraiva (2010) ainda são muitos os desafios ao tentar ensinar empreendedorismo, o primeiro perpassa pela definição do que se ensinar, o segundo nas estratégias metodológicas adotadas e por último no suporte institucional que deve ser dado para o ensino do empreendedorismo.

Diante deste cenário, que o SEBRAE desenvolveu no final dos anos 2000 todo um suporte para que instituições de ensino pudessem ensinar empreendedorismo. O programa nacional de educação empreendedora do SEBRAE visa transferir para instituições de ensino diferentes ferramentas para o ensino do empreendedorismo, desde material e uma disciplina pronta de empreendedorismo até ações conjuntas, plataformas de aprendizagem, jogos e capacitações para docentes implementarem o empreendedorismo.

Mas, de que empreendedorismo estamos falando? Se a lógica por trás do empreendedorismo é a abertura de novos negócios estaríamos ensinando os estudantes a serem livres? Não seria uma nova roupagem de uma educação bancária, com um rótulo de empreendedorismo? Infelizmente em muitos casos sim. A despreocupação conceitual e teórica vincula o empreendedorismo ao simples ato de abrir um negócio ou criar uma *start-up* para utilizarmos o termo do momento de negócios de base tecnológica, mas o modelo que defendemos neste ensaio ultrapassa estas limitações, propomos um modelo de empreendedorismo para a vida.

Na concepção que estamos preocupados em defender neste ensaio, o empreendedorismo é uma atitude perante a vida, em que o indivíduo devidamente capacitado de diferentes competências e habilidades, tem a possibilidade de exercer perante a sua vida e a dos que o circundam uma atitude empreendedora, transformando a sua realidade e dos outros, um exercício constante da liberdade.

Neste sentido, o empreendedorismo não se limita a abertura de um negócio, ou a criação de uma empresa, mas em atitudes diárias de transformação do sentido do trabalho, das relações sociais e da articulação dos saberes, em busca da autonomia do sujeito e da liberdade de escolha, que pode desembocar no final da trilha em uma empresa, produto ou serviço, processo, negócio social, no protagonismo comunitário, em uma movimentação política, ou simplesmente em uma postura proativa frente as circunstâncias da vida.

Logicamente que esta concepção precisa ser desenvolvida através de diferentes estratégias de ensino e articulada com diferentes conhecimentos, para que os estudantes se sintam motivados e percebam a importância do rompimento com a educação preparatória para o mercado de trabalho e busquem uma educação empreendedora para a vida.

Para a execução desta proposta buscamos nos munir com um diferente repertório para o ensino do empreendedorismo, que consiste inicialmente na implantação da disciplina de empreendedorismo em todos os cursos da instituição (Faculdade Adventista da Bahia); depois a criação de um Núcleo de Empreendedorismo e Inovação (NEI) um espaço para o desenvolvimento das capacidades empreendedoras dos estudantes; em seguida a articulação para uma parceria com o SEBRAE para a transferência de tecnologia e conhecimento para a aplicação de diferentes metodologias de empreendedorismo.

Estas ações culminaram em um projeto de empreendedorismo e inovação que tem as seguintes fases:

1. Sensibilização: Constitui a fase inicial do processo e consiste na realização de diferentes eventos, para despertar o interesse no comportamento empreendedor, estas ações estão alinhadas com as disciplinas

de empreendedorismo tradicionalmente ofertadas;

2. Instrumentalização: refere-se ao processo de formação das competências e atitudes empreendedoras através de uma trilha de aprendizado empreendedor, para que o estudante, ou membro da comunidade acadêmica interessado e despertado pelo empreendedorismo se aproprie de diferentes ferramentas;
3. Aceleração/acompanhamento: neste momento é hora de acompanhar e auxiliar através dos conhecimentos institucionais e do *know-how* dos docentes as propostas empreendedoras dos estudantes;

A proposta é que estes mecanismos, alinhados com as parcerias estratégicas da IES, favoreçam a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento empreendedor, e auxiliem a criação de um desenvolvimento com o olhar no local. Estas preocupações coadunam com uma perspectiva de educação que ultrapasse as limitações do pensamento centrado no “eu” e favoreçam um olhar empreendedor para o “nosso”.

Entendemos que o projeto é embrionário e seria precoce apresentar qualquer tipo de resultado, mas a proposição deste artigo serve para balizar futuras discussões e apresentar a nossa proposta de trabalho, que está aberta a sugestões, críticas e principalmente colaboração. O que buscamos aqui é apresentar uma proposta que está sendo gestada em uma instituição preocupada com a sua realidade e que busca através dos seus conhecimentos a transformação do local.

Por fim, acreditamos nas palavras de Caggy (2016) “O objetivo do empreendedorismo não é apenas o de montar um negócio, vai além do mundo dos negócios. É possibilitar as pessoas uma vida protagonista, em que as suas escolhas e possibilidades são direcionadas por sua atitude. Empreender é um exercício da liberdade”. Esta é nossa explicação para o empreendedorismo, e a justificativa para implementarmos em todos os níveis da educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAGGY, R. C. S. S. **Educação Empreendedora**. Núcleo de Empreendedorismo e Inovação (NEI) – FADBA, Termo de Abertura do Núcleo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MUYLDER, C. F.; DIAS, A. T.; OLIVEIRA, C. L. *Is it Possible to Teach Entrepreneurship? Comparative Analysis with Brazilian Students*. **Revista de Ciências da Administração** ▪ v. 15, n. 37, p. 82-91, dez. 2013

SOUZA, A. M.; SARAIVA, L. A. S. Práticas e desafios do ensino de empreendedorismo na graduação em uma instituição de ensino superior. **Gestão & Regionalidade**, Vol. 26, nº 78, set/dez, 2010.